

“...Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel. Tende cuidado, não recuseis ao que fala...” Hebreus 12.22-25a

O culto que oferecemos a Deus é parte fundamental da nossa comunhão com Ele e um exercício essencial de nossa fé.

Logo no início da Bíblia percebemos a importância disso quando lemos que fomos criados à imagem e semelhança de Deus para usufruir a companhia de nosso Criador e desenvolver os talentos que Ele nos deu na bendita tarefa de cultivar, guardar, sujeitar e dominar o restante da criação. Assim o homem demonstraria a sua compreensão de quem é reconhecendo o seu lugar e o seu propósito no universo. Estaria em harmonia consigo mesmo, com a criação e com o Criador.

A triste realidade é que falhamos em nossa resposta ao propósito estabelecido por Deus, nosso Criador. Preferimos dar ouvidos às acusações mentirosas do tentador e cedemos à tentação de buscar nos fazer divinos pelas nossas próprias forças, pelo nosso próprio conhecimento. Provocamos o nosso próprio declínio pelas más escolhas que fizemos. Nos afastamos d’Aquele que nos criou num ato de bondade e amor. Quando ele nos procurou no jardim na viração do dia, nós, silentes, nos escondemos d’Ele.

Fugir é reação tola e ineficaz. Ele sabe quem somos e onde estamos. Ele não nos ignora nem desiste daqueles a quem concedeu o maior dos dons. Ele vem para um encontro necessário e para reajustar nossa condição e nossos valores. Ele coloca em vigor a sua justiça e assim restabelece o nosso significado de vida e promete nos redimir.

Os primeiros filhos de nossos pais que nasceram fora do jardim trazem suas ofertas de louvor e adoração e assim demonstram que o culto é parte essencial de quem somos. Contudo, até mesmo nosso culto é marcado pela nossa natureza decaída. Enquanto Abel oferece as primícias e a gordura de seu rebanho, Caim traz o trivial e revela o pouco valor que dá Àquele que o sustenta com o fruto da terra. Quando ele a sua oferta é recusada, Caim decai ainda mais na sua já prejudicada condição humana. Ele deixa-se levar pela ira.

Deus, novamente, vai procurar o homem e lhe diz para optar pelo que é bom e verdadeiro e não se deixar levar pela ira – “Se procederes bem, não é certo que serás aceito?”. Sim. Deus perdoa pecadores arrependidos. Conversão e arrependimento são dimensões reais do nosso culto. Elas nos restauram à comunhão com Deus. Caim ignorou o que Deus lhe disse e deixou que a sua ira o conduzisse. Ao invés de adorar a Deus em obediência à sua graciosa oferta, Caim mata seu irmão e se distancia horrivelmente do amado Criador e sustentador dos homens. Nem lavrador ele poderá mais ser.

“Tende cuidado, não recuseis ao que fala...”.

Somos criação de Deus e em Jesus Cristo somos a criação redimida por Deus. Mais até que isso, somos “filhos” e membros da “universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus”. Deus vem e fala conosco e nos diz para falar com ele em culto de adoração. Deus garante aceitar o nosso culto quando nos aproximarmos d’Ele por meio de “Jesus, o Mediador da nova aliança” e por causa do sacrifício de nosso Salvador que derramou o prometido “sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel”.

Rev. Fernando Arantes